



DEPOIMENTO

DOROTHY PRESCOTT

Em 2003, servidora aposentada da Câmara dos Deputados. Entre outras atividades na Casa, exerceu os cargos de assistente de gabinete e chefe de gabinete da Presidência da Câmara

ENTREVISTADORES:

Glória Varela, Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho e Casimiro Pedro da Silva Neto. Intervenções de Ivanir Geraldo Vianna.

LOCAL:

Brasília

DATA:

19/9/2003

DURAÇÃO:

1 hora, 26 minutos

TÓPICOS:

O início de sua vida profissional; o funcionamento da Câmara dos Deputados; a Constituinte; o deputado Ulysses Guimarães; a evolução do MDB ao PMDB; a criação dos novos partidos, depois de restabelecido o pluripartidarismo; a fusão do PP com o PMDB; a composição política para a eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral; os servidores da Câmara dos Deputados.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – O padrão aqui é a pessoa que está prestando depoimento dizer seu nome. E a primeira pergunta que a gente faz como padrão é: quando entrou para a Câmara e em que circunstâncias? A partir daí, a gente começa a falar sobre a vida funcional da pessoa: onde trabalhou, os relacionamentos que manteve aqui, com quem trabalhou, as observações que fez ao longo do tempo que trabalhou aqui.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Meu nome é Dorothy Prescott. Eu entrei na Câmara em 1970, logo após a reabertura do Congresso – que ficou fechado em 1969 –, por um concurso que havia feito em 1968. Logo que reabriu, fui chamada e tomei posse. A princípio, fiquei esperando lotação, por incrível que pareça. Fiquei aguardando até que, por uma coincidência, fui trabalhar na Suplência da Mesa, com um deputado do Pará, que era da Arena. Na ocasião, tínhamos somente dois partidos: o MDB, que era praticamente proscrito, e a Arena, que era senhora absoluta no Congresso.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Como era o clima entre os funcionários nessa época? O que você pôde observar? Havia um clima de euforia porque o Congresso estava reabrindo?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não, pelo contrário. Eu soube, inclusive, que em 1969 muitos funcionários haviam se demitido. Eles ficaram sem função, e obrigados a permanecer na Câmara em horário normal. Muitos não se satisfizeram com isso e acabaram arranjando outros empregos; fizeram outros concursos e foram embora. Aí abriram-se novas vagas. Foi quando mais um mutirão entrou.

Bem, fui trabalhar na Suplência sem entender nada, porque era egressa do Tribunal de Contas da União. Fui trabalhar com um deputado da Arena, do Pará. Ele fazia política regional, cabendo a mim somente cuidar da correspondência da região. O deputado também participava da Mesa da Câmara, na ausência dos titulares.

Nesta Casa tem – vamos chamar assim – uma dança nos gabinetes. Quem é daqui sabe: a cada dois anos tem uma mudança, para melhor ou para pior. Em 1973, fiquei naturalmente fora da Suplência da Mesa. Nesse período, fiquei trabalhando com o deputado Wilson Braga, da Paraíba, porque era amiga da esposa dele, Lúcia Braga – que depois veio a ser parlamentar também.

Mas, na Câmara, há a política de que nenhum funcionário pode ficar sem lotação. E houve um pedido do MDB para que um funcionário fosse lotado na presidência do partido, com o deputado Ulysses Guimarães, porque dois funcionários estavam

afastados. O Dr. Luciano, diretor-geral, me pescou e me lotou no MDB. Quer dizer, eu tive muita sorte! Porque lá aprendi a conviver com a política da Casa. Ainda mais um MDB, que era, como já disse, proscrito, mas super-respeitado porque o presidente era o deputado Ulysses Guimarães, a quem eu tive o prazer de servir. Somente na presidência do partido fiquei de 1973 a 1985, quando então fui para a Presidência da Câmara.

Nesse período, vi muita coisa acontecer: cassações, a prisão do deputado Chico Pinto. No próprio MDB havia os moderados e os autênticos. Mas nenhum inimigo. Inclusive, ninguém da Arena era inimigo do deputado Ulysses Guimarães; ele era super-respeitado. Houve até aquele incidente, não sei se vocês lembram, na Bahia, com Antônio Carlos Magalhães, cachorros atrás dele. E ele disse: “Respeitem o presidente do MDB”. Foi um fato histórico, tem até um livro sobre isso.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Tem uma foto com ele caminhando, com policiais.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Cheio de cães e ele com a mãozinha assim, não é? E disse: “Respeitem o presidente do MDB”. E realmente ele foi respeitado. Inclusive, soube-se que foi ordem do Antônio Carlos Magalhães, que era governador.

Então, eu vi diversos fatos acontecerem.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Vamos falar um pouquinho sobre cada um? Sobre os que você acha que merecem destaque.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Pois não. Eu poderia falar o tempo todo sobre o deputado Ulysses Guimarães, que foi uma figura notória para todos nós. E no gabinete, por exemplo, passou muita gente, inclusive o atual presidente da República, o Lula – na ocasião era só “Lula” que a gente chamava, como líder sindical. Ele pertencia também ao MDB, então, as reivindicações todas eram feitas diretamente ao deputado Ulysses Guimarães. Ele entrava e saía do gabinete, como até hoje ele faria provavelmente. E outros tantos, lembro-me de muitos, como o deputado Chico Pinto, que acabou sendo preso.

O próprio deputado Ulysses Guimarães também sofreu um processo. Lembro-me muito bem da anticandidatura dele. Foi em 1973 que foi anticandidato; quem datilografou o discurso fui eu. Mas foi anticandidato somente para constar. Na ocasião, o candidato era o general Geisel, se não me engano.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E o vice de Ulysses era o Barbosa Lima?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Barbosa Lima Sobrinho. Exatamente.

Essa ocasião foi muito rica. Inclusive, quando extinguiram os partidos, não sei se vocês lembram, e foram criados os novos. Ulysses Guimarães aproveitou o próprio MDB e colocou um “P” à frente; os partidos tinham que ter o nome “Partido”. Ficou Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Isso foi no dia 30 de janeiro – que é o meu aniversário – de 1980. Ocorreu no Salão Verde e eu estava presente.

Então, eu vi acontecer História. O MDB, sendo Oposição, é que fazia História. Eu vi, por exemplo, o caso do ex-governador de Minas Gerais, aquele senador, o mais polêmico, que agora voltou para o PMDB, senador Itamar Franco. Ele não estava plenamente convicto para entrar no partido, eu me lembro bem disso. Na hora de formar o partido, havia meia dúzia de parlamentares que são os históricos. Ele estava meio, como sempre, não muito convicto. Já saiu outras vezes e voltou, dizem que é a sexta vez que ele entra para o PMDB.

Havia o deputado Tancredo Neves, que fundou o PP, por exemplo. E, mais tarde, querendo ser governador, viu que com o PP não faria o governo de Minas. Foi quando houve a fusão; o PP e o PMDB se uniram. Eu participei de todas as convenções, não é? Vi quando o PP e o PMDB se juntaram; o PP deixou de existir. E com essa sigla, PMDB, Tancredo Neves passou a ser governador de Minas Gerais.

E outros tantos que estavam no MDB e, por incrível que pareça, passaram para o PDS. Eu também vi acontecer isso. O secretário-geral do partido, de cujo nome não me lembro, mais tarde foi ser ministro do Tribunal de Contas da União. Ele era secretário-geral do MDB e foi para outro partido. Mas aí surgiram o PP, o PT, que tinha somente um deputado, que havia sido do MDB. O MDB tinha as alas moderada e autêntica. Dos autênticos, uns outros tantos formariam aqueles partidos mais de esquerda, como tem até hoje.

Essa vivência para mim foi muito interessante, porque eu vi a história acontecer. Isso durante a Revolução, quando eu entrei para a Câmara. Há uma coisa que gostaria de observar: quando o PMDB foi, vamos dizer, oficializado, de 80 deputados que havia no MDB, passaram a ser trezentos e tantos. Aí dominaram, não é?

Foi quando Tancredo conseguiu se eleger presidente, mas infelizmente não ascendeu ao posto. O senador Sarney, na ocasião, que – não sei se vocês sabem – era da Arena. Ele foi presidente da Arena e mais tarde foi presidente do PDS. Na ocasião,

sendo presidente do PDS, entrou para o PMDB. Um deputado, cujo nome não lembro agora, de Barretos – aquele que dizia: “É dando que se recebe” –, é que levou o senador José Sarney. Muita gente contestou, mas o deputado Ulysses disse o seguinte: “Eu não sou dono do partido; eu sou presidente do partido”. Ele tinha grandeza e se dava bem com todos. Não havia diferença pra ele. Então, aceitou a filiação. Eu estava na ocasião em que o senador Sarney entrou no gabinete e se filiou ao PMDB. Isso contrariou muitos; outros nem tanto. O deputado Ulysses, que não era dono do partido, como ele dizia, era somente presidente, aceitou. Essa foi uma das mudanças que eu vi acontecer.

O senador de Alagoas, Teotônio Vilela, também foi um dos que saíram do PDS e foram para o PMDB. Mas aí já com glória, porque era homem super-respeitado, e trouxe um enriquecimento ao PMDB.

E por aí afora... o deputado Ulysses, com força praticamente total, embora ainda na Revolução. Mas o PMDB foi crescendo, foi crescendo. Até que houve a eleição para presidente da Câmara. Ele foi eleito presidente. E dois anos depois foi presidente da Constituinte, quando foi novamente eleito presidente da Câmara, por maioria absoluta.

Outra coisa que gostaria de dizer é que ele não fazia campanha. Não fazia campanha para nada. Ele fez campanha apenas para se candidatar a presidente da Câmara. Eu coordenei um trabalho solicitando apoio dos parlamentares ao seu nome, através de telegramas que foram entregues em cada gabinete de deputado. Fora, nos corredores, havia propagandas de outros candidatos; dele não havia nenhuma. Era uma pessoa de grandeza maior que outras, porque somente fez um telegrama pedindo apoio.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Isso aconteceu na campanha para a Presidência da Constituinte ou da Câmara?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Da Câmara. Agora, para a presidência da Constituinte, houve consenso de que ele seria o melhor presidente, pela vivência política, pela cultura etc. Então, foi quando ele foi novamente eleito presidente da Câmara, e não houve nenhuma campanha. Achei que até poderia haver renovação do gabinete, porque era um fato novo, mas permaneci com ele. Houve a Constituinte, que vocês lembram bem, de 1987 a 1988, quando foi promulgada a Constituição. Ele foi uma figura presente nesta Câmara; e nós: juntos, porque trabalhávamos normalmente até meia-noite. Em outros dias, dependendo daquelas votações em plenário, até quatro horas da manhã.

Estava dizendo há pouco que tenho visto, aí fora, funcionário que ganha e não trabalha. Nós, funcionários, principalmente os concursados – porque há outros, vocês sabem –, tínhamos horário a cumprir e de correr para pegar o ponto do extraordinário. Uma coisa vinha em função da outra. Você tinha que assinar sua saída e, em seguida, assinar a entrada nas sessões do Congresso ou da Câmara. Trabalhamos muito! Se ganhamos melhor, é porque merecemos. Não é isso? Muita gente não concorda. Há turma que sai às 18 horas, 18h30; nós, todavia, continuávamos, como muitos.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Fazendo rápido balanço de tudo isso que você já disse, dá pra perceber que houve três períodos distintos: de 1970 a 1973, que foi uma coisa meio inócua, talvez...

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Uma vida funcional da Câmara, na área administrativa e política, às vezes.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Em 1973, seu trabalho começou a esquentar, digamos assim. Foi quando realmente começou seu aprendizado na política.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ah, com certeza!

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E, na época da Constituinte, pegou fogo.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Pegou fogo!

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Faça uma comparação desses três períodos. E um quarto, que foi pós-Constituinte.

Sobre a vida funcional, o que era trabalhar na Câmara nesses quatro períodos distintos.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu vou dizer a você que, antes de trabalhar no Tribunal de Contas da União, eu trabalhei na Prefeitura. Eu vim morar em Brasília em função do marido, que veio transferido. Eu achei que tinha que fazer algo aqui, não podia ficar parada.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Trabalhava na Prefeitura de onde?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Daqui. Na época não era GDF; era Prefeitura mesmo, do Plínio Cantanhede, não sei se vocês já ouviram falar.

Antes de casar, trabalhei na Esso. Depois houve um hiato; deixei de trabalhar quando conheci meu esposo e casei. Em função dele, vim pra cá com a família, em 1963. Aí achei que tinha que fazer alguma coisa e fui estudar para concurso. E fui para a Prefeitura, onde ganhei até uma função. Como dizem que “em terra de cego quem tem um olho é rei”, logo depois fui chefe. E meu chefe superior não entendia por que eu iria fazer concurso para outros lugares melhores, como o Tribunal de Contas da União, por exemplo. Mas era uma função só administrativa, muito estática, não tem altos e baixos como aqui. E no Senado, como acredito.

Então, eu achava que tinha que vir pra um lugar mais movimentado. O Legislativo. Essa era a minha meta. Eu fiz o concurso da Câmara mais ou menos na época em que fiz para o Tribunal de Contas da União, mas a Câmara demorou mais a convocar.

Esse período que eu falei que havia sido o início na Câmara, fiquei surpresa, não sabia o que iria fazer. Fiquei muito tempo no Departamento de Pessoal, esperando uma lotação, sem fazer nada – o que foi muito entediante. Até que falei com meu marido: “Não dá para ficar!” Ele comentou o fato com pessoas de seu relacionamento. Então, chamaram-me pra trabalhar na Suplência da Mesa. Um lugarzinho diferente, não é? Fui trabalhar com um deputado do Pará.

Fiquei lá na parte burocrática, de correspondência, em plena Revolução, com tudo parado. Esse deputado, não sei se devo dizer o nome dele, era da Arena e ficava muito chateado com o que estava acontecendo durante a Revolução. As pessoas estavam sofrendo torturas. Ele era militar, inclusive. Não vou dizer o nome porque a família está em Brasília. Ele já faleceu. Ele ficava muito preocupado: “Hoje aconteceu ‘isso’ com uma senhora grávida, não sei o porquê.” Eu não entrava muito na história porque não sabia exatamente o que estava acontecendo. Não havia comentários a respeito. Nós sempre fomos democratas, em minha família.

Depois que houve a coincidência de precisarem de um funcionário no MDB, fui trabalhar com o deputado Ulysses Guimarães, sem o conhecer. A funcionária Terezinha Cunha, não sei se vocês conheceram, era nossa chefe. Vocês deveriam chamá-la para depor porque ela tem depoimentos maravilhosos, ela trabalhou muitos anos com o deputado Ulysses Guimarães.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Ulysses, nessa época, já tinha sido até presidente da Câmara, não é?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ele era presidente do MDB. Mas anteriormente Dr. Ulysses Guimarães havia sido presidente da Câmara dos Deputados, no período de 1956-1957. Mais tarde, como sabem, de 1985 a 1987, 1987 a 1989.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Sim. Mas ele já tinha projeção?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ele foi anticandidato à Presidência da República, em 1973.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Mas ele já havia sido presidente da Câmara no Rio de Janeiro.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ah, sim! Mas eu sou da era da Revolução.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – A senhora o conhecia, já que ele havia sido presidente da Câmara?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não o conhecia. Foi surpresa para mim trabalhar com ele, em 1973. Aconteceu o seguinte: repetindo, havia dois funcionários afastados. Um estava doente e não retornou mais, e outro saiu de licença, férias, sem consentimento ou conhecimento do deputado Ulysses Guimarães. A Terezinha, chefe de gabinete, estava sozinha e precisava de uma pessoa para ajudá-la no gabinete. Então, houve um pedido a um membro da Mesa, do MDB. Não recordo o nome dele, era da Paraíba, mas veio a falecer logo depois. Ele solicitou ao diretor-geral – o diretor-geral e o secretário-geral da Mesa participam das reuniões da Mesa; já participei e sei disso – um funcionário para trabalhar no gabinete da Presidência do MDB. Então, fui assim laçada. Sempre gostei de trabalhar. E digo sempre para meus filhos e netos que se eles forem trabalhar, fazer alguma coisa, que façam o melhor possível. E o deputado Ulysses gostou de mim, do meu trabalho, embora eu praticamente não o visse. E a Terezinha me disse: “Ele não quer que você saia mais.” Ocupava o cargo de oficial de gabinete, que era uma função a mais que podíamos exercer. A responsável pela lotação dos funcionários do MDB, na Presidência ou na Liderança, era a Nadir, chefe da Liderança do MDB – não sei se vocês a conheceram –, que foi conversar com o Deputado Ulysses e disse: “Estamos precisando desse cargo de oficial de gabinete e trocaremos por um de auxiliar de gabinete para a Dorothy.” Ele respondeu: “Absolutamente. Eu quero

que a Dona Dorothy seja oficial de gabinete.” Desde então, nunca mais me afastei do gabinete, até que, para minha surpresa, fui convidada a ser chefe de gabinete da Presidência da Câmara. Na ocasião, perguntei ao meu marido: “Se eu for convidada, o que eu digo?” Antigamente, a mulher dependia do marido. Se ele dissesse “não”... E ele respondeu: “Aceita.” Então, fui ser chefe de gabinete do deputado Ulysses Guimarães. Minhas filhas até hoje em dia comentam isso e acham graça. O marido mandava na mulher; hoje em dia não. E acho que ele ficou com um pouquinho de dor-de-cotovelo porque eu... de repente... não é? Mas meu esposo sempre foi diretor de alguma coisa nos órgãos em que trabalhou. Teria uma competidora em casa. Enfim, posso dizer que foi muito gratificante para mim ter ido para o MDB, trabalhar com o deputado Ulysses Guimarães em todas aquelas fases de altos e baixos, de quase cassação; enfim, ele sempre se sobressaía, como sempre foi dito que ele era igual Fênix, que renasce das cinzas. E assim fomos para a Presidência da Câmara e ele sempre fez o melhor possível, melhor que muitos, há testemunhas disso. E, depois, na Presidência da Constituinte foi um marco na história do Congresso. Ele ficava trabalhando horas e horas e horas e não ia nem ao banheiro. Vocês sabem disso. Ninguém entendia.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – A senhora participou de toda a ascendência dele?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Da Oposição ao Governo?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Correto.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Sim.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Então a senhora deve ter participado de muita negociação, visto, ajudado; e a tensão que provavelmente dividia com o *staff* mais próximo.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Com certeza. Todos nós, funcionários da Presidência do MDB, sentíamos as influências.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Conta um pouquinho disso. As negociações, as preocupações dele nos momentos decisivos até o final da...

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Posso dizer que ele praticamente foi o mesmo em todo o período. Quem conheceu o deputado Ulysses Guimarães, de longa data, como os colegas, sabe que ele sempre foi a mesma pessoa. Se ele estava no

ostracismo, se ele estivesse em ascendência, era exatamente o mesmo. Foi um dos poucos parlamentares – não sei se vocês sabem disso – que nunca trouxe parente nenhum para trabalhar aqui. Ele convidava os funcionários e, de preferência, todos éramos concursados. Eram funcionários da Casa. Então, se íamos trabalhar com ele e fazíamos o melhor possível, nunca saímos dali; não havia mudança. Quando ele foi para a Presidência da Câmara, para vocês terem idéia de quem é Ulysses Guimarães, ele não mudou ninguém do gabinete, só o chefe de gabinete, que era o Hélio Dutra, e praticamente pediu desculpas a ele porque eu era – posso dizer assim – da confiança dele. Mas ele não mudou sequer um funcionário do gabinete da Presidência. Como achava que não tinha inimigos, não precisava se acobertar de nada. E arranjou uma lotação para o Hélio Dutra, se não superior, pelo menos equivalente, de diretor na área administrativa, onde ficou praticamente até a aposentadoria. Então, o que posso dizer do deputado Ulysses Guimarães, entre altos e baixos, é que ele era uma Fênix e ressurgia das cinzas, e isso acompanhávamos. Quando ele foi para o Supremo participar de um julgamento, estava parecendo um réu, lembro-me que ele abraçou a todos no gabinete como se fosse um adeus. Ele não sabia o que iria acontecer no Supremo. Mas, para a sorte dele e nossa, não aconteceu nada; ele não foi preso, como o Chico Pinto, que ficou seis meses preso. Enfim, da minha vivência na área política não vou dizer que foi grandiosa, porque sou funcionária, como todos os outros, mas tive sorte de trabalhar com um excelente parlamentar, o deputado Ulysses Guimarães. E o deputado Aldo Fagundes, secretário-geral do partido – não sei se vocês o conhecem – foi deputado e mais tarde ministro do Superior Tribunal Militar. Trabalhei só com boas pessoas. Os que trabalhavam com o deputado Ulysses Guimarães na área parlamentar eram os melhores. Por exemplo, houve um fato interessante na formação do PSDB – vocês não sabem –, que tinha o senador Franco Montoro, o deputado Mário Covas, o deputado Euclides Scalco e outros. Mas esses eram os principais. O Scalco felizmente ainda está vivo e até recentemente estava trabalhando em Itaipu. Houve então um sentimento de ciúmes, porque quem estava na Presidência da República era José Sarney. Quem mandava era José Sarney e não Ulysses Guimarães. Ele cansou de dizer: “Não sou presidente da República.” O que acontecia na área executiva era o presidente Sarney que mandava. O deputado Ulysses Guimarães era presidente da Câmara e presidente da Constituinte, mas não era o dono do Brasil, como muitos achavam. Até houve um fato interessante, que os senhores podem observar, quando Tancredo morreu. Ele teve a grandeza de não aceitar, como presidente da Câmara, o cargo de presidente da República, a que tinha direito. Na ocasião, o jurista Afonso Arinos e outros foram ao nosso gabinete estudar como sair daquela situação. O senador José Sarney era candidato a vice, mas não tinha sido

empossado; Tancredo, ainda doente, não tomou posse; então, ele também não. E o general Figueiredo não aceitava o José Sarney como presidente. Não ia passar a faixa, como não passou. Mas a melhor solução a que eles chegaram na ocasião foi ele assumir, como candidato a vice-presidente, a Presidência. Foi uma solução de gabinete, mas era para o deputado Ulysses Guimarães vir a ser o presidente. Mas ele achou que não devia. Ele tinha um amor pela Câmara, jamais teria gostado de ser senador. Diversas vezes vinham falar com ele para assumir no Senado e ele dizia: “Lá é lugar de velho. Eu quero ficar aqui.” E ele fazia questão de ser deputado, queria participar desta Casa, aqui é que havia a vivência, aqui é que movia o Brasil. Isso marcou-o muito. Ulysses chegou a ser presidente da República, como substituto, nas viagens do presidente Sarney, e até eu estive lá como convidada. Ele fez questão de me convidar para ir à Presidência vê-lo na função de presidente, e fui só como visita. Ele até já foi candidato à Presidência da República. Como ele mesmo dizia, muitas vezes foi sempre ex e quase foi, mas nunca foi. Mas a vida dele era a Câmara dos Deputados. Ele morreu como deputado. Então, acho que ele se realizou nessa função.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – A senhora começou a falar sobre o episódio da criação do PSDB e não concluiu.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Até o deputado Euclides Scalco esteve lá conversando comigo na ocasião e chegou a chorar. E disse: “Olha, estou saindo, mas estou chorando.” Queriam levar o deputado Ulysses para o PSDB. Mas ele disse que não, porque ele era do PMDB, o partido que ele tinha fundado, que tinha de ser coerente com ele mesmo e permanecer no PMDB. E outros acharam que não, inclusive o senador Fernando Henrique Cardoso – não sei se os senhores lembram – foram juntos. Mas havia ali uma disputa tão grande que talvez não seja nem interessante os senhores registrarem, mas vou citar. Depois da formação do PSDB, a cada três meses, havia um novo presidente. O que os senhores concluem disso? Isso nós ficamos vendo como funcionário. Funcionário não tem partido. Eu não era nada. Ninguém votou para presidente, na época do Tancredo. Foi um colégio eleitoral; nós não participamos. Mas foi um momento histórico a votação dele. Foi uma festa aqui na Câmara. Nosso gabinete ficou em festa, porque o PMDB tinha feito um presidente da República. Ganhou, mas infelizmente não levou. Aconteceu tudo aquilo que os senhores sabem, quando então passamos ao presidente Sarney, que foi da nossa era. Fiquei na Presidência da Câmara por quatro anos. Em 1989 já tinha tempo para me aposentar e o deputado Ulysses ia sair do gabinete. Até o diretor-geral, na época, o Sabino, conversou e disse: “Dorothy, o melhor para você é sair nesse status”, financeiramente falando. E eu já tinha trabalhado, antes do

casamento, em companhia americana, mais de uma por sinal, e tinha tempo sobrando, porque nunca tinha gozado licença-prêmio, que tínhamos direito a cada 6 meses. Já tinha mais de 32 anos de serviço, quando me aposentei, em 1989. Então, saí como chefe de gabinete e está no meu contracheque até hoje. Fui feliz e não sabia! Ou sabia!

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Você tem fotos daquela época? Vamos fazer também uma exposição. Seria interessante termos essas fotos.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Nós participávamos também de todas as convenções, fazíamos parte; aquelas festas no Salão Verde, nos encontros do Diretório da Executiva Nacional. Isso deve estar nos Anais e provavelmente nas publicações do PMDB. Ulysses sempre fazia elogio a nós. E meu nome, Dorothy, está lá também. Ele fazia questão de agradecer nominalmente a todos, nossa participação e empenho no cargo.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Essa característica do Ulysses de respeitar o funcionário e de o respeitarem era raridade?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não. Era a tônica, era normal. Ele gostava muito da Terezinha, que o acompanhou... trabalhou com ele antes da Revolução.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Em comparação com os outros deputados?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não sei quem trabalhou com deputado para afirmar. Sei que tive muita sorte. E quem o conheceu, reconhece. Não conheci o deputado Carlos Lacerda, mas era sua fã incondicional. Mas acho que político igual a Ulysses Guimarães, que não tinha inimigos, todos se davam bem com ele, e ele se dava bem com todos, era uma raridade, era muito respeitado. Ele visitava o gabinete do presidente da Câmara, Flávio Marcílio, por exemplo. Em plenário, era muito respeitado também. Ninguém foi contra ele a não ser naquele processo da época do Chico Pinto, em que ele também foi envolvido. Mas não aconteceu nada, ele saiu de letra!

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Como chefe de gabinete muitas vezes tinha de tratar assuntos com a administração da Câmara. Alguma vez, como mulher, a senhora se sentiu discriminada?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Nunca. Sempre fui muito respeitada. Tinha até um apelido na ocasião: Poderosa. Não sei por quê. No jornal aparecia: “A poderosa Dorothy” Eu não tinha poder nenhum.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Mas essa era um pouco da responsabilidade do chefe.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – É o que achavam.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Falem com Dorothy...

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Com certeza. Mas foi um tempo brilhante porque a Constituinte, por exemplo, evoluiu de uma hora para outra, naquele crescente, sempre grande. Nosso gabinete era repleto de pessoas, de lobistas, todos eram atendidos, se não pelo deputado Ulysses Guimarães, por nós. Atendíamos pedidos de qualquer parte do país. Sou carioca e muitas vezes ia ao gabinete uma turma do Rio de Janeiro que estava sem comer há dias. Tirava dinheiro do bolso e dava para eles. Falava com o Sabino: “Sabino, estou precisando que o pessoal do Rio vá almoçar no bandejão. Como vou fazer?” Lá não recebia pessoas estranhas. Mas ele via como podia ser feito. E já fiz isso mais de uma vez. Como funcionários da Câmara sempre ajudamos e fizemos o melhor possível. Então, a minha participação como a de tantos outros aqui sempre foi a melhor. É o que pretendemos. Vocês agora aí, no comando de outras áreas, não é?

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – A senhora se lembra de algum fato curioso entre funcionários? Havia algum funcionário da Câmara que era referência, que todos conheciam ou que todos temiam, ou todos respeitavam? Como era essa convivência de funcionários?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – O diretor-geral da Câmara, Dr. Luciano Brandão. Todos que o conheciam sabiam que ele era o diretor-geral da Câmara. O Paulo Afonso tinha também grande notoriedade na sua área, mas era mais modesto nas aparições, porque se concentrava na Mesa. Era uma pessoa até muito estressada pelas solicitações [do cargo de secretário-geral da Mesa] porque tinha de ter resposta para tudo, embora tivesse assessores, como o Clodoaldo, que era brilhante no conhecimento do Regimento. Porque tem que se conhecer o Regimento para poder usá-lo. Mas o Dr. Luciano foi o funcionário-mor que posso dar como referência! O Sabino continuou com a mesma política – vocês conhecem o Sabino –, mas o Dr. Luciano tinha repercussão muito grande dentro e fora da Câmara. Realmente, ele foi o funcionário de destaque.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Funcionário padrão.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Padrão! Acima do Padrão!

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Na década de 60, as pessoas que vieram aqui participar desse projeto disseram que, pela proximidade com os parlamentares, algumas funções tinham um pouco mais de prestígio: motoristas, datilógrafos – porque os deputados não tinham assessores e usavam um pool de datilógrafos. Então, essas pessoas com acesso direto aos parlamentares tinham um pouco mais de prestígio, informal, evidentemente. Já a partir de 1973, quando a Câmara começou um período de ebulição, tinha alguma categoria ou alguma função que se destacasse?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Mais do que outras?

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Mais do que outras.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Continuo dizendo que é o diretor-geral, Dr. Luciano, com certeza. Ele mandava mesmo e nós obedecíamos. Ele era o mais importante. Nunca vi perseguir ninguém.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Eu aprendi muito com o seu depoimento, mas estou fazendo minhas reflexões. O que você pode deixar de depoimento para nós que estamos nesta Casa e para outros que virão?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Você deve fazer o melhor possível, dentro da sua função. Tem gente que extrapola a função e quer passar para a do outro. Não se faz isso. Eu aprendi que não se faz. É a minha ética. Por exemplo, na Presidência do MDB e depois PMDB, tinha a Terezinha, que era a nossa chefe. Ela tinha trabalhado com o deputado Ulysses Guimarães antes. Acho que até antes da Revolução – acho que Terezinha entrou em sessenta e poucos – ou talvez durante a revolução. Ainda na Oposição. Ela trabalhou com ele e com o senador Nelson Carneiro. Os dois trabalhavam juntos. A Terezinha era a secretária do deputado Ulysses Guimarães. Quando ele foi para a Presidência do MDB, a levou. A Terezinha tinha toda a responsabilidade e a confiança do deputado Ulysses Guimarães. Mas eu não sou estática, sou ágil. Ou era, porque agora... nem vou dizer a minha idade. Então eu inventava coisas para fazer... Não querendo passar por cima nunca, porque eu achava que o meu lugar era aquele ali. Ajudei muito aquele gabinete. E com isso, o secretário-geral do PMDB, deputado Aldo Fagundes, ficou muito próximo a nós. O deputado Ulysses Guimarães não levou a Terezinha para a Presidência da Câmara. Mas por que não levou a Terezinha? Não quer dizer que ele não gostasse da

Terezinha, mas não queria que afastassem a Terezinha da Presidência do PMDB. A Terezinha tinha de estar lá quando ele voltasse, porque antes de tudo ele era o presidente do PMDB. Na época, ele deixou o senador Teotônio Vilela como presidente. O deputado Ulysses dificilmente cedia o cargo dele de presidente do PMDB. Então cedeu para o senador e outros mais, que agora eu não me recordo, mas era como se dissesse: “Volto já!” Então, a Terezinha ficou lá com aqueles outros funcionários que eram do PMDB também e só eu fui para a Presidência da Câmara. Depois eu consegui levar um funcionário, um assessor. E também foi junto com ele – e nesse ponto ele não abria mão – o funcionário imediato a ele, aquele que manda chamar o motorista, faz as ligações que precisa, um auxiliar, uma espécie de contínuo da época. O Antônio Carlos, que depois voltou para a Presidência do... [PMDB]. Acho que ele está lá até hoje. Depois eu levei outro assessor. E mais tarde saiu do gabinete uma funcionária que era do deputado Flávio Marcílio. E não sei por quê, ela era muito melindrada. Não quis ficar. Aí eu coloquei uma amiga minha, que era excelente, era minha mão-direita: Elizabete Lucena, cujo marido foi chefe de gabinete do presidente Fernando Henrique Cardoso, agora recentemente. Então o deputado Ulysses “conduzia” ainda o PMDB, com o pessoal dele, e estava na Presidência da Câmara, com o pessoal que ele confiava.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Uma de suas observações há pouco é que: “se me perguntarem se eu assumo a chefia de gabinete, o que eu respondo?” Você teria perguntado ao marido, não é?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Mas “só para inglês ver”.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Pois é. É exatamente aí que eu quero entrar. Um período de ebulição política e um período de ebulição também da mulher. Deve ter sido muito interessante “perguntar” ao marido e conviver com o poder político do país. Como foi isso?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Lá em casa não havia esse envolvimento, ele não se metia no meu trabalho e eu não me metia no trabalho dele. Havia um respeito mútuo. Na medida em que eu fui para a Presidência, acho que ele ficou contente, de certa forma, porque houve um crescimento meu como funcionária e até como mulher, porque eu só era esposa dele e mãe de família. Comecei fazendo concurso da Prefeitura e ele dizia que eu queria tomar o lugar do Prefeito. Eu achei que tinha de pegar logo uma função. Mas foi só isso, não houve nada. Mas realmente há uma diferença porque a mulher deu um passo à frente. Foi um casamento de cinquenta anos.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Dona Dorothy, eu posso falar porque a senhora sabe o carinho e o respeito que eu tinha pelo George William Prescott. Uma pessoa respeitadíssima, principalmente na área da agricultura. Desde o Rio de Janeiro, quando eu fui com o Gilson Amado levando uma carta pedindo emprego a João Pinheiro Neto na Supra, “aquela” fase. Entrei depois no Ibra, onde ele estava pontificando como delegado. E há uma passagem interessantíssima que a senhora poderia citar em relação ao Francisco Moura Cavalcanti. Quando ele chegou, encontrou o delegado...

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ele era muito crítico.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Muito.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – O meu marido era...

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Inteligentíssimo.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ele era muito inteligente.

O SR. ENTREVISTADOR (Ivanir Geraldo Vianna) – Com uma verve inglesa.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ele era muito inteligente, acima da inteligência do próximo que estivesse falando com ele. O Moura Cavalcanti foi ser presidente do Ibra. Então, ele disse que não queria a bandeirinha do Ibra, e mudou para o Incra. Aí ele perguntou: “Você que é o delegado?” Meu marido disse: “Mas não é o de polícia”. E ele foi afastado. Mas ele realmente foi o melhor funcionário da sua categoria no órgão. Ele foi muitas vezes entrevistado, porque ele veio do Ministério da Agricultura, Departamento de Terras e Colonização, que foi o formador do Inic, Supra, Inda, Ibra, e por aí afora. Então, perguntavam a ele: “O que aconteceu com o senhor nesse período?” Ele dizia: “Eu não saí da minha mesa, eles [referindo-se aos órgãos] é que mudavam de nome. Mas eu permaneci na minha mesa”. Ele tinha essa verve do inglês, ele tinha o sangue de origem inglesa e fazia questão de ser anglófilo, embora fosse “curiboca” com brasileiro.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Algum fato específico, alguma lembrança específica daquelas grandes votações, quando a Oposição foi ganhando espaço, se impondo, como a senhora mesmo lembrou que acabou tendo mais de trezentos deputados? Alguma grande votação, alguma grande movimentação que teve a Câmara?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – O que eu vi foi o seguinte: todo mundo queria ser PMDB. Todo mundo queria ser PMDB porque era o partido da ocasião. Inclusive, depois que houve as primeiras eleições, o PDS caiu de cabeça e o PMDB cresceu, e com ele outros tantos que surgiram, como o PT, que só tinha um deputado, que não lembro mais o nome, era de São Paulo. Sei que depois ele voltou para o PMDB. Tinha a Bete Mendes também, nessa ocasião. Mas eu sei que era o partido querido, pela honestidade, pela honradez, pelo trabalho traçado, não só das Diretas-Já, mas pelo trabalho que vinha fazendo naquele período todo. Tinha até um livrinho que foi mantido quase como uma cartilha, que era o baluarte do partido, o seu atestado de princípios. Foi uma fase brilhante. O deputado Ulysses foi um homem brilhante. Quem conviveu com ele antes, e eu depois, sabe que dificilmente temos outros. Pode até acontecer, de repente.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Só uma última cutucada. Na época das votações de medida de emergência, das Diretas-Já, o governo militar procurava colocar muito recruta dentro das galerias. Como era visto isso na época? Como ele via isso?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu não participava muito do plenário. Eu só ia ao plenário quando tinha uma necessidade. Mas nunca vi nada contra o deputado Ulysses Guimarães. O que senti foi o seguinte: eles iam saindo, quem era do período militar... eu até conheci um militar da Marinha, que foi meu vizinho no Rio de Janeiro. Eles saíam de mansinho. Não houve nenhuma [contestação], agora, vi no Salão Verde... Quando o pessoal do governo militar era eleito, o povo gritava: “Eu não aceito.” Vocês não viveram isso, mas eu vivi. Nós estávamos no Salão Verde e íamos lá vivenciar. Às vezes, detrás de um daqueles pilares, a gente dizia: “Eu não aceito!”. Era o povão que estava ali. Sentia-se que não era aquilo que se queria. Era uma eleição indireta e a continuação de uma coisa que não estava fazendo bem ao país. Mas essas coisas aconteceram. Infelizmente, eu não tenho gravada na memória tanta coisa interessante que aconteceu.

O SR. ENTREVISTADOR (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Uma última questão. Eu acho que a senhora devia escrever suas memórias. A senhora conviveu tão bem. Um conselho para nós que ficamos e as próximas pessoas que vêm e que precisam conhecer isso mais a fundo. Talvez você tenha conhecimento que gostaria de escrever e deixar para nós.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Já está escrito. Vocês já ouviram isso aí.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Houve assim algum embate, alguma disputa específica entre o general Figueiredo e o pessoal da Oposição que tenha chamado a sua atenção?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não. O que eu soube na ocasião é que ele estava até satisfeito, porque vinha de uma família cujo pai era militar, um homem correto, democrata. Ele tinha um irmão também democrata. Não lembro mais o nome dele. Ele tinha já influência na família e a herança de ser um democrata. Ele achou que estava na hora de parar. É o que foi sentido. Tanto que ele achou que o senador Tancredo Neves tinha, vamos dizer assim... [condições para a mudança]. O senador Tancredo Neves se dava com o general Golbery, se dava com o governo militar... Não era um homem de polêmica. O senador Tancredo era um político por excelência também, tanto que fez parte dos amigos mais chegados do deputado Ulysses Guimarães.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – E o relacionamento Ulysses e Tancredo?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu acabei de dizer.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Era um relacionamento de disputa?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não, de amigos, com certeza.

(Não identificado) – Muitas vezes, na Biblioteca, eu os vi juntos conversando cordialmente e sei que eram matérias muito importantes nessa fase de transição do final dos governos militares, para a eleição indireta. Muitas vezes.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Exatamente. O senador Tancredo freqüentava nosso gabinete, sentava ao nosso lado, conversava normalmente. Era amigo do deputado Ulysses Guimarães.

(NÃO IDENTIFICADO) – Os dois se respeitavam muito.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Você passou muito tempo no burburinho político, vamos dizer assim.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – É onde eu convivi.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – E tem uma veia de criatividade ligada à cultura, a pintura.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ah, com certeza. Era a minha vontade.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Em que momento da sua vida nasceu essa vocação artística, se você estava nessa loucura da política? Ou foi antes? E como a Casa participou disso?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – A minha parte artística vem da infância. Eu gostava muito de desenhar. Às vezes o meu gato estava deitado, eu o desenhava; a minha irmã estava dormindo, eu a desenhava. Então, eu já tinha essa tendência, mas nunca tive chances. O meu pai era espanhol, já foi muito rico, mas perdeu tudo com o café, como tantos outros, e tornou-se pobre. Então, eu tinha de estudar o que podia e trabalhar logo. Não tinha tempo para procurar uma atividade artística. Mas logo que eu me aposentei fui procurar uma maneira. Uma amiga me levou a uma professora de pintura em tela e fui à minha primeira aula. Ela montou umas frutas e uma garrafa, deu-me um papel e um carvão: “Desenhe aquilo ali”. Um papel “desse tamanho” assim, e eu fiz um desenho bem pequeno. Não sabia como iria fazer. Ela disse: “Não! Apague tudo isso, faça o desenho no papel todo”. Então foi a minha “ouverture”, a minha abertura, e hoje em dia eu posso dizer que sou uma artista plástica. Já fiz parte de exposição na Câmara.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Você se lembra de uma sessão de cinema que tinha no Auditório Nereu Ramos quando ele era da Comissão de Relações Exteriores?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu já tinha saído da Câmara, em 1998.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Não foi antes dessa época?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Na Comissão de Relações Exteriores?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – É.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Que eu comecei?

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Não, não. Havia na Câmara, para os deputados e para os altos funcionários, uma sessão de cinema com filmes que ainda não tinham entrado no circuito comercial.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Nunca participei. Aliás, eu sou uma ex-funcionária que não participa da ASA, nunca fui a nenhum jantar, nada. Acho que isso

é em função do casamento; tinha de ficar em casa e não ir a eventos. Eu fiquei de uma certa forma acomodada. Cuidei de artes.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – O Poder Legislativo está comemorando 180 anos. Esse projeto tomou carona nesse aniversário para se desencadear. O que você tem a falar sobre o Poder Legislativo nesses 180 anos, a ligação do servidor, a importância para a sociedade como um todo?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu acho que de certa forma o Brasil inteiro está sempre voltado para o Congresso Nacional. O povo brasileiro, o cidadão, acredita que o Congresso vai resolver os nossos problemas. O Congresso é permanente. Eu acho. Esta Casa aqui e o Senado. É muito importante, por exemplo, escolher os candidatos. Eu sempre procuro escolher o candidato. Eu já votei no nosso governador do PT, Cristovam Buarque, com convicção! Eu tinha certeza, achava que iria ser um “governão”, e foi. Eu voto assim, eu voto no indivíduo, pelo que ele fez e não pelo que está prometendo. Eu vejo o presente e o passado dele. Nesse é que eu voto. Mas às vezes a gente erra. Eu conheci o Fernando Collor. Ele participava do PMDB. Ele ia muito ao gabinete. Eu me lembro de que ele foi governador de Alagoas e deixou o governo. Então, ele ia sempre pedir a bênção ao deputado Ulysses Guimarães aqui na Presidência. Eu o conheci, conversava com ele, como conversei com Fernando Henrique Cardoso. Eu dizia ao Fernando Collor: “O senhor é do meu estado, o senhor só pode ser muito bom”. Eu achava que o carioca era o melhor brasileiro. Ele é carioca, embora seja filho de nordestino e nortista, e atuou em São Paulo. Eu tinha certa intimidade com alguns, como tive com o Fernando Collor, na ocasião. Quando ele foi candidato, depois que o deputado Ulysses perdeu [a disputa à Presidência], em um segundo turno, quando concorreu com o Lula – minha neta é Lula, eu não sou não, a turma dela é do Lula –, eu votei no Collor. Se eu disser para vocês que até o dia 15 eu era Collor, a partir do dia 15 eu era anti-Collor! Porque quando vi todas aquelas medidas que não estavam me atingindo propriamente, mas estavam atingindo o Brasil inteiro... Sabia de gente que estava se suicidando. Mas a gente vota errado também, não é? Mas eu votaria no Lacerda. Com certeza, na minha época eu votei.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Tem alguma coisa que não perguntamos ou não mencionamos e que a senhora ache que vale a pena ser mencionado?

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu não lembro de mais nada. O que eu acho é que o funcionário da Câmara tem de ser valorizado. Ele não pode ter partido.

Hoje ele está no PMDB, amanhã pode estar no PT, assim como muita gente esteve na Arena. Então, o funcionário, desde que entra na Câmara, pode trabalhar na parte administrativa, na parte política. A Câmara é uma cidade. Eu trabalhei aqui vinte anos e conheci muito pouca gente; conhecia de concurso, conhecia fora... Mas a gente fica aqui dentro só dedicada àquela atribuição. Tanto na parte administrativa, como na parte legislativa, se o funcionário está satisfeito, ele deve ser incentivado. Os chefes e diretores não devem se sentir superiores aos demais funcionários, porque nem sempre serão superiores. Amanhã... caem do galho – vocês sabem disso – ainda mais numa casa política como esta, em que se está num gabinete e acaba-se ficando no corredor, não tem lotação, não sabe para onde vai. Acho que o funcionário tem de ser visto de uma maneira [positiva] – aqui tem dois na ativa e sabem disso. Vocês são chefes. Façam o favor, não fiquem massacrando os seus colegas. Eu acho que o funcionário tem de ser valorizado e, de certa forma, que isso seja conhecido do público. O público não sabe o quanto o funcionário trabalha aqui. Na minha época diziam assim: “Você é funcionária da Câmara? Não faz nada”. Podia ser que um ou outro fizesse isso, mas eu não. Nós tínhamos que cumprir o horário. E era exigido, o Dr. Luciano estava por aí, para ver a gente! Não é? Estava mesmo! Nós o encontrávamos de repente nos corredores. Nós não podíamos estar pelos corredores, não! A era Sabino também foi muito importante para todos. O Sabino defendia o funcionário. Se hoje nós temos muitas vantagens no nosso contracheque, devemos ao Sabino, que lutou por isso – até, se encontrarem com ele, mandem um abraço.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Estou tentando trazê-lo aqui.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Ele vai ter muitas histórias a contar.

O SR. ENTREVISTADOR (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Mas ele não vem.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Não vem? Pois é, imaginem, eu, que não tinha nada para dizer, vim.

A SRA. ENTREVISTADORA (Glória Varela) – Tem sim. Agradecemos à senhora pela sua presença, pela sua participação no nosso projeto.

A SRA. DOROTHY PRESCOTT – Eu é que agradeço por terem se lembrado de mim.